

BIBLIOGRAFIA.

O CENTRO DA CIDADE DO SALVADOR

J. R. DE ARAUJO FILHO

MILTON SANTOS — O Centro da Cidade do Salvador (*Estudo de geografia urbana*), 200 págs., com ilustrações — Publicações da Universidade da Bahia, IV-A, Salvador (Bahia), 1959.

Primeira cidade fundada no Brasil e também sua primeira capital, Salvador ocupou, e por 300 anos, o primeiro lugar entre os grandes centros urbanos do país, devido não somente a fatores históricos, mas também à sua excelente posição geográfica.

O seu sítio, dos mais atormentados para o desenvolvimento de um grande centro urbano, bem como seu casario colonial, onde se destacam dezenas de igrejas e conventos, e mais os sobradões do século passado; sua população constituída de tipos os mais diversos, com usos e costumes dos mais originais, contrastando com o que em geral se costuma ver em outras importantes cidades brasileiras; seu papel histórico de primeiro centro político-administrativo do Brasil e responsável pelo povoamento de vasta área do seu território — tudo isto tem sido objeto de trabalhos publicados por historiadores, sociólogos, antropólogos, folcloristas, viajantes, etc., que desde o período colonial vêm enriquecendo a vasta bibliografia soteropolitana.

Entretanto, suas variadas paisagens não haviam ainda sido abordadas no campo da Geografia. É verdade que Teodoro Sampaio escrevêra algumas páginas geográficas sobre a Bahia (é assim que os baianos gostam de chamar a sua capital), cidade que mais recentemente tem merecido a atenção dos que cuidam da Geografia entre nós, como podem atestar as páginas escritas por Aroldo de Azevedo, Aziz Ab'Saber e Elza Coelho de Souza Keller. Mas, ninguém cuidára ainda de fazer um estudo mais aprofundado sobre a geografia urbana de Salvador. Esta tarefa como que estava reservada a Milton Santos, geógrafo que, nos últimos 10 anos, vem publicando trabalhos de sua especialidade sobre diferentes aspectos das paisagens baianas.

De há muito relacionado com os três centros geográficos mais importantes do país, o carioca, o paulista e o recifense, através da Associação dos Geógrafos Brasileiros, o prof. Milton Santos

catedrático de Geografia Humana da Faculdade Católica e Diretor do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia, estava mais que indicado para escrever um trabalho sobre a velha cidade de Tomé de Sousa. A ocasião lhe apareceu quando, fazendo um estágio na Universidade de Strasbourg, junto aos professores Tricart e Juillard, teve de escrever uma tese sobre geografia urbana. O assunto escolhido foi a cidade do Salvador; como, porém, pela exiguidade de tempo, não pudesse abordar todos os aspectos geográficos de uma capital de mais de meio milhão de habitantes, o autor optou pelo estudo em profundidade de apenas *O centro da cidade do Salvador*, como o próprio título o diz. E o fez com maestria, como se pode atestar pelo plano da obra, onde, após uma introdução, em que procura caracterizar o que se deve entender por centro de uma cidade, aparecem os quatro capítulos que a compõem, perfeitamente entrosados e dentro dos preceitos metodológicos da geografia científica. De fato, no primeiro capítulo, *Formação da Cidade e Evolução da Região*, os problemas da localização, isto é, o do sítio e o da posição, bem como os do crescimento da cidade são focalizados através das páginas mais interessantes do trabalho. Aqui o autor mostra a escolha do sítio, mais adiante o aparecimento da influência regional de Salvador, com a transformação de cidade fortaleza à capital do Recôncavo, para chegar depois a impôr sua influência a todo o sertão, até à organização do espaço regional.

Após mostrar a importância extraordinária que teve o fator geográfico *posição* para o crescimento econômico-demográfico da cidade e que lhe valeu uma hinterlândia sempre em apiação por todo o período colonial e grande parte do século XIX (a zona de influência de Salvador ia aos confins do Piauí, às terras de Goiás, ao norte de Minas, ao sertão pernambucano, ao vale do Cariri, no Ceará), o professor Milton Santos explica o amortecimento demográfico da velha "urbs" a partir de fins do século passado e continuado até por volta de 1940. À primeira vista, poderá parecer um contra-senso o marasmo em que a cidade mergulhou por meio século, e justamente no momento em que o urbanismo se delineava e com grandes promessas, em várias regiões brasileiras, não só nas cafeeiras, então em pleno apogeu; Recife, Belém, Fortaleza, Pôrto Alegre são exemplos de centros urbanos que cresceram vertiginosamente naquele período de semi-paralisação da velha capital baiana. As causas de tal fenômeno, porém, são várias e estão tôdas enumeradas e explicadas no livro em aprêço. A abolição da escravatura, os métodos ainda rotineiros da agricultura no Recôncavo, especialmente a da cana; a transferência da hegemonia econômica e política para o Brasil de Sudeste, onde

o café dava a nota, lançando as bases da industrialização; e, finalmente, o desenvolvimento da zona cacauzeira do sul baiano, para onde se dirigiriam as correntes migratórias do sertão, ao invés de procurarem, como antes, a capital, são os fatores enumerados pelo autor, para mostrar o por que da queda de Salvador nos últimos 50 anos. Ela, que fôra a segunda cidade brasileira até 1890 e que, até 1900, tivera sua população sempre em crescendo rápido, a partir de então, como que entra num crescimento retardado, pois só atinge 290 000 habitantes em 1940. A primeira cidade brasileira no tempo de D. João VI vai agora para o 4.º lugar, ultrapassada que foi por São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.

Este período de crise como que desapareceu para Salvador na última década, conforme mostra o autor, quando fala do crescimento recente da cidade, devido, entre outras causas, a um êxodo rural sempre crescente. Entretanto, o crescimento dos nossos dias, si fez desaparecer a crise demográfica, determinou o aparecimento de problemas sociais e econômicos muito sérios, entre os quais os de moradia, condução, alimentação e emprêgo, desde que as várias funções da cidade e, particularmente, os serviços públicos não puderam acompanhar o crescer da população. Em seguida, o autor passa a examinar as *Funções do Centro de Salvador*, destacando sobretudo a função portuária, a função administrativa e a função comercial.

O capítulo III é dedicado à *paisagem urbana* e à *vida do centro da cidade*, onde o autor, após falar da elaboração do quadro urbano, mostrando os espaços construídos, os espaços vazios e as consequências da escolha do sítio que asila a cidade, dá-nos uma exata idéia da circulação e seus problemas e da população e sua distribuição. Finalmente, no capítulo IV, estuda a *estrutura urbana dos bairros centrais*, onde os tipos de construções são examinados, desde os arranha-céus, os armazéns e os trapiches do pôrto, até as casas de "meia idade" e os cortiços; merece uma referência especial, como exemplo de ruas, ainda nesse capítulo que reputamos o mais interessante do trabalho de Milton Santos, o Pelourinho e a Baixa dos Sapateiros.

Concluindo, acha o autor que "a cidade do Salvador é um fato de economia especulativa pura. Observa-se a importância direta ou indireta da especulação, seja na vida atual da cidade, seja durante o seu passado, isto é, no processo de seu desenvolvimento".

O CENTRO DA CIDADE DO SALVADOR, ESTUDO DE GEOGRAFIA URBANA constituiu, a nosso ver, um dos melhores trabalhos geográficos que já se fizeram no Brasil nos últimos 20 anos. Retrato fiel do que é a velha metrópole brasileira, com

tôdas as suas vantagens para uma nova função que se delineia, a turística, e todos os seus problemas, cada vez mais agravados, para uma administração que, a exemplo de outras mais por êsses Brasis afora, não tem levado muito a sério as suas conseqüências. O trabalho de Milton Santos, que "brilhantemente lhe valeu o título de Doutor da Universidade de Strasbourg, inscreveu-se em bom lugar entre a crescente série de publicações geográficas brasileiras", como muito bem diz o prof. Monbeig, ao escrever o prefácio à edição francesa. Que os estudos da velha cidade de Tomé de Sousa continuem, são os votos que fazem ao geógrafo baiano todos os que acompanham com atenção o desenvolvimento dos trabalhos geográficos no Brasil.